

---

## Vlado (no) presente: acontecimento e atualizações narrativas sobre Vladimir Herzog nas redes sociais<sup>1</sup>

Marcella Maria Monteiro Vieira<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense/UFF – RJ

### Resumo

Como parte de pesquisa mais ampla, o artigo investiga como postagens do Instituto Vladimir Herzog (IVH) em páginas nos sites de redes sociais Facebook, Instagram e Twitter podem ser formas mais organizadas de trabalhos de memória e de atualizações narrativas sobre o personagem emblemático que foi Vlado. A partir dessas postagens, com destaque para a *hashtag* #vlado40anos, lançada pelo Instituto em 2015, analisamos a permanência de Herzog nas redes, articulando informações de passado, presente e futuro em fluxo constante. Para isso, avaliamos como o IVH midiaticiza nessas redes as efemérides ligadas ao acontecimento da morte de Herzog, gerando desdobramentos que fazem com que o jornalista, morto há mais de 40 anos, seja constantemente “recuperado” por uma série de complexos de memória construídos.

**Palavras-Chave:** Memória; Acontecimento; Vladimir Herzog; Redes Sociais; *Hashtag*.

### Introdução

O aniversário de 40 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog, em 25 de outubro de 2015, representou importante marco memorável relacionado à ditadura civil-militar no Brasil, cujos rumos foram alterados devido ao assassinato do jornalista. Se a morte de Vlado pelas forças de repressão acelerou o caminho para a abertura política no Brasil, é necessário investigar como tem se configurado, ao longo dessas quatro décadas, os trabalhos de memória (HALBWACHS, 1990) sobre sua trajetória e sua morte.

O caso Herzog colocou novos tons nas já complexas relações entre militares, jornalistas e veículos de imprensa no Brasil – marcadas por alinhamentos, aproximações, distâncias e tensões negociadas, no caso de meios hegemônicos, e por maior repressão, em casos de veículos alternativos ou clandestinos. É a dimensão política da morte de Herzog que reforça a importância da manutenção de estudos sobre uma cultura da memória, alinhada aos desdobramentos do acontecimento e suas comemorações e à existência de “jogos construtores da memória” (BARBOSA, 2014, p. 16).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense/UFF – RJ. E-mail: [marcella.vieira@gmail.com](mailto:marcella.vieira@gmail.com).

Em cerca de duas décadas que se seguiram após a morte de Herzog, as novas luzes jogadas sobre o caso – fossem por meios de investigações oficiais de Estado ou por meio de outros organismos da sociedade civil – eram narradas, primordialmente, nos veículos de comunicação tidos como tradicionais (impressos, rádios ou TVs). Nos últimos anos, novos trabalhos de memória sobre Herzog foram ampliados devido aos espaços de comunicação digital, dos quais destacamos, particularmente, os sites de redes sociais. Utilizamos aqui a definição de Recuero (2009, p. 24), que caracteriza a rede social como um conjunto de atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais), sendo, assim, "uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores". Já os sites de redes sociais são "espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet" (RECUERO, 2009, p. 102).

A investigação que fazemos aqui está, portanto, centrada nesses espaços que entraram em cena para marcar uma nova “presença” e reafirmar a permanência da simbólica figura de Herzog: Facebook, Instagram e Twitter. Num primeiro momento, nos interessa especialmente a verificação da *hashtag* #vlado40anos, compartilhada em 2015 pelo Instituto Vladimir Herzog (IVH)<sup>3</sup>. A chamada *hashtag*, presente nos sites de redes sociais, é uma ferramenta usada no ambiente virtual como "indicador de assunto, normalmente representado pelo sinal '#'" (RECUERO, 2009, p. 127). Ela identifica palavras-chave e tópicos em determinada publicação.

Nesse contexto, os três sites de redes sociais conservam a “presença” de Herzog, levando-o a uma espécie de imortalidade a partir de constantes atualizações narrativas. A escolha dos três sites se dá por razões de: popularidade e participação ativa do IVH neles. O Instituto possui páginas oficiais<sup>4</sup> nos sites, com constantes postagens e compartilhamentos de informações. É nelas, portanto, que o IVH parece tocar com mais afinco seus trabalhos de memória e atualização de Vladimir Herzog, mais até do que em seu próprio site ou em suas aparições em veículos de imprensa tradicionais. Notamos que, no Facebook, o IVH produz postagens – quase sempre com conteúdos próprios e, eventualmente, com compartilhamentos de notícias de outros sites – com maior intensidade. No Instagram e no Twitter, ainda que com espaçamentos maiores entre uma e outra postagem, também há uma série de informações

<sup>3</sup> Órgão fundado em 2009 por familiares, amigos e antigos colegas de Vladimir Herzog. Com sede em São Paulo, o Instituto define como sendo sua missão “trabalhar com a sociedade pelos valores da democracia, direitos humanos e liberdade de expressão”. Chamaremos, a partir daqui, o Instituto Vladimir Herzog primordialmente pela sigla indicada: IVH.

<sup>4</sup> As páginas oficiais do IVH (ou seja, gerenciadas e administradas pela própria equipe do Instituto) nesses sites estão, respectivamente, nos seguintes endereços: <https://www.facebook.com/institutovladimirherzog>; <https://www.instagram.com/vladimirherzog> e <https://twitter.com/vladimirherzog>.

sobre Vlado e as ações do órgão. Percebemos que, em geral, o IVH aproveita datas comemorativas ligadas a Herzog e ao IVH (entre os exemplos mais recentes, os aniversários de 80 anos de nascimento do jornalista e de oito anos de fundação do Instituto, ambos celebrados em 27 de junho), mas também relacionadas a questões de Direitos Humanos (exemplos: Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, e Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial, em 21 de março) para postar seus conteúdos e, eventualmente, fazer links com seu site ou com notícias correlatas.

Lembramos, porém, que a falta de sistematização e a periodicidade indefinida das postagens nos sites de redes sociais pode indicar uma estratégia organizada, mas não tão planejada de atualização narrativa e trabalhos de memória do IVH sobre Herzog. De toda forma, é possível perceber variadas possibilidades de organizações, negociações e seleções de memórias sobre Vlado.

A partir dos estudos sobre trabalhos de memória, importantes na abordagem de narrativas midiáticas – e suas atualizações – sobre um episódio historicamente marcante, é relevante verificarmos também a função política de determinadas ambiências digitais como marcos comemorativos de uma história. Podemos pensar, assim, que um dos papéis ocupados por esses espaços digitais segue uma lógica dentro do que Colombo (1991, p. 19) classifica de “corrente mnemotécnica no Ocidente”. Nessa direção, pretendemos analisar os contextos e razões para as atuações do IVH nessas redes, especialmente em lógicas comemorativas, como datas de aniversário de morte ou de nascimento – o principal exemplo utilizado será a *hashtag* #vlado40anos, lançada pelo IVH em 2015 por ocasião dos 40 anos do assassinato de Herzog.

### **Passado, presente e futuro: do acontecimento às redes sociais**

Uma pesquisa sobre a permanência de Herzog pode representar, portanto, uma reflexão acerca da complexidade das relações entre espaços midiáticos, acontecimento, memória, narrativa, poder e diversos atores sociais. E é a fluidez dos meios digitais que auxilia na construção desse novo espaço de permanência e presença de uma figura já morta. Ilustração para isso é que o IVH compartilhou, com o uso da *hashtag* #vlado40anos, em 2015, uma série de imagens, vídeos e canções de ato celebrado em homenagem ao jornalista na Catedral da Sé, em São Paulo, remetendo instantaneamente ao mesmo tipo de cerimônia celebrada há 40 anos, no mesmo local, dias após a morte de Vlado, em evento que foi um divisor de águas no combate ao regime militar. Mais um exemplo é que, meses antes do marco de 40 anos da morte do jornalista, o Instituto iniciou uma intitulada “linha do tempo”

---

no Instagram, com postagens que continham fotos (em ambientes familiar ou profissional) e informações sobre as trajetórias de vida e carreira de Herzog.

São possibilitadas, assim, lembranças que, ao serem reconstruídas em novos espaços midiáticos, causam o alargamento dos limites da mera memória oficial de uma época, chancelada, durante muitos anos, por determinados meios de comunicação alinhados a um regime autoritário. São as “memórias subterrâneas” que conseguem invadir o espaço público, como afirma Pollak (1989). Em consonância com esses argumentos, propomos uma reflexão sobre os trabalhos de memória (e sobre se e como eles passam a ser feitos de forma mais sistematizada pelo IVH) ligados a Herzog – nos âmbitos coletivo, familiares e individuais – nesses espaços de comunicação digital. São esses trabalhos que possibilitam que as narrativas sobre Herzog sejam continuamente atualizadas nas redes sociais.

No percurso aqui descrito brevemente, além dos já citados Barbosa (2014), Colombo (1991), Halbwachs (1990) e Pollak (1989), trabalhamos também com a noção de que vivemos tempos de intensa “cultura de memória” (HUYSSSEN, 2004) e “febre mnemônica” (HUYSSSEN, 2000), nos quais as ligações entre acontecimentos, marcos comemorativos e midiática desempenham papel crucial para o alargamento das conexões entre passado, presente e futuro. Antes, Nora (1993) já alertava para tempos de “produtivismo arquivístico”.

Lembremos, portanto, que as “estratégias memoráveis” (BARBOSA, 2007) seriam operadas nos meios digitais por um órgão (IVH) que assume caráter institucionalizado para discorrer sobre Herzog, constituindo “práticas de memória” (HUYSSSEN, 2000) de cunho político cuja temporalidade permite que passado, presente e futuro se confundam.

Foi no dia 25 de outubro de 1975 que se deu o acontecimento. Um dos mais emblemáticos do período da ditadura civil-militar que deu as cartas no Brasil de 1964 a 1985: a morte do jornalista Vladimir Herzog. O acontecimento em si ocorreu nas sombras: nos porões do DOI-Codi de São Paulo, com sessões de torturas comandadas por agentes do aparato de repressão do Estado. Já as consequências foram bem visíveis; mudando os rumos de um regime brutal, provocando comoções e rupturas na opinião pública, dando visibilidade a demais casos de prisões, torturas e assassinatos, unindo movimentos diversos em prol de um objetivo: o fim da ditadura civil-militar, o que só ocorreria de fato uma década depois.

A morte de Herzog, acontecimento fundador, se desdobrou em muitos outros. A missa ecumênica em homenagem a ele na Catedral da Sé, em São Paulo, em 31 de outubro do mesmo ano foi um deles. Quase 35 anos mais tarde, em 2009, a fundação de um Instituto que leva o nome do jornalista foi outro, bem como a realização de um novo ato ecumênico 40

anos mais tarde, em 2015, para comemorar o aniversário de morte de Herzog. São exemplos que, além de produzirem uma permanente atualização de narrativas, dão pistas de como o acontecimento do passado opera, com suas idiossincrasias, rupturas, diferenças e indagações, com vistas para o futuro, tendo como pano de fundo a atuação do IVH em espaços de comunicação digital, mais especialmente os sites de redes sociais.

Todos os esforços de memória produzidos pelo Instituto mostram que, para além de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990), as memórias familiares e individuais entram em cena e disputam território nessa permanente reconstrução de lembranças.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade [...]. (POLLAK, 1989, p.5).

É possível enxergarmos aqui como os discursos de memória ocupam, portanto, papel importante nas abordagens – das mais antigas às atuais – em torno da figura de Herzog, levando-nos a observar que algumas das ambiências digitais mais recentes passam a ter maior espaço nesse trabalho de reconstrução de memória, ocupando lugares antes exclusivamente reivindicados por meios de comunicação tradicionais. Para Huyssen (2000, p. 36), em contextos políticos de maior ou menor agitação, “a sociedade precisa de ancoragem temporal, numa época em que, [...], a relação entre passado, presente e futuro está sendo transformada para além do reconhecimento”. No caso de Herzog, essa necessidade de ancoragem pode ser percebida em espaços de produção de memória tão diversos como o próprio IVH – e suas ações midiáticas – ou nos relatos que dão conta da relação entre censura e integrantes dos meios de comunicação da época.

Mais recentemente, atendendo ao que Huyssen (2000) chama de “febre mnemônica”, os espaços de comunicação digital, com sua fluidez e suas variadas formas de interação, parecem construir uma nova “permanência” de uma figura já morta. Mostra disso foram os usos da *hashtag* #vlado40anos pelo IVH. Pollak (1989, p. 5) afirma que quando “as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público” é também quando “reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa de memória”. Ainda que essas memórias subterrâneas tenham levado algum tempo para chegar à superfície, o acontecimento da morte de Vlado foi suficiente para causar mudanças que romperam, segundo Kucinski (1991, p. 12), “o precário equilíbrio nas relações de trabalho no conjunto da grande imprensa,

---

ao mesmo tempo em que se esgotou o modo complacente pelo qual os jornais se relacionavam com o regime”.

Anos mais tarde, a abertura política permitiu o que Pollak (1989, p. 5) chama de “redistribuição das cartas políticas e ideológicas”, desembocando na criação de coletivos que, no geral, passaram a se empenhar, de forma mais organizada, na reconstrução de memórias que foram, por muitos anos, confinadas à clandestinidade. Grupos como “Tortura Nunca Mais”, “Brasil: Nunca Mais” e comissões da verdade (em âmbitos nacional ou regional) formam esse cenário, no qual o IVH também está inserido.

Criado entre os aniversários de 30 e 40 anos da morte de Herzog, o IVH realiza, desde sua fundação, eventos, projetos e homenagens diversas a Herzog e atores sociais ligados aos Direitos Humanos, além de lançamentos de livros e documentos. Mas foi em 2015, ano dos 40 anos da morte do jornalista, que o Instituto promoveu uma “comemoração”, aproveitando a efeméride, como é percebido na própria linha do tempo desenhada no site do IVH<sup>5</sup>. São esses “jogos memoráveis” que contribuem para “o acontecimento como algo que emerge na duração com a marca da anormalidade” (BARBOSA, 2016, p. 15).

E é a formalização dessa mesma Instituição que a coloca como uma guardiã das lembranças relacionadas a Herzog, fazendo com o que o ato inter-religioso que rememora a missa ecumênica celebrada 40 anos antes na mesma Catedral da Sé também possa assumir caráter institucionalizado. Sobre o acontecimento (a morte de Herzog), Dias (2015, p. 5) assinala que suas comemorações em períodos específicos “sacralizam o evento”. “Isso nos faz pensar como todo acontecimento pautado pelas mídias está condicionado, para sua reafirmação à cena pública, a agendamentos de lembranças e esquecimentos que respondem a políticas de memória bem específicas em seu presente”. Tais comemorações – como o ato ecumênico realizado em 2015 – podem exemplificar os chamados acontecimentos “replicantes” descritos por Babo-Lança (apud FRANÇA, 2012, p. 19), aqueles que, “retomados em diferentes contextos, se transformam em outros, atuando em diferentes quadros de sentido”.

Para Dosse (2013, p. 270), esse acontecimento, mesmo quando individualizado, passa “pela busca do vínculo que ele mantém com uma estrutura problemática mais geral, uma ordem de maior grandeza”. É o que parece caracterizar as ações do IVH, que, por razões familiares, tenta criar uma camada de “proteção” à memória de Herzog, mas sem perder de vista a contextualização do fato não apenas diante de um regime de exceção, mas também

---

<sup>5</sup> Disponível em <<http://vladimirherzog.org/o-instituto/preservar>>. Acesso em 19 de janeiro de 2017.



---

frente aos alarmantes índices de violações aos Direitos Humanos que perduram no Brasil. Observamos, assim, que essa imbricação entre passado, presente e futuro parece dar pistas mais completas sobre a atuação do Instituto.

O acontecimento não é, por definição, redutível a sua efetuação à proporção em que ele está sempre aberto para um devir indefinido pelo qual seu sentido se metamorfoseará ao longo do tempo. Contrariamente ao que poderíamos pensar, o acontecimento nunca está realmente classificado nos arquivos do passado; ele pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro, provocar angústia e temor ou esperança, no caso de um acontecimento feliz. Contra a falsa evidência que liga o acontecimento unicamente ao passado findo, “é preciso suspeitar a sua cronologia”. (DOSSE, 2013, p. 265-266)

Mesmo numa definição bastante simplista – especificamente em sua relação com a mídia – do acontecimento como um fato que merece ser noticiado, é possível captarmos algumas das nuances e contradições que atravessam o caso Herzog. A tortura e o assassinato de um jornalista que tinha importante cargo hierárquico – diretor de jornalismo da TV Cultura – quando da sua morte é, por obviedade, notícia. Quando os responsáveis pelo assassinato são agentes das forças de repressão de um governo central, ou seja, figuras institucionalizadas do poder público de um Estado, parece ainda mais plausível que isso deve ser um acontecimento noticiável. Contraditoriamente, eram exatamente essas forças oficiais, integrantes de uma ditadura civil-militar, que tentavam, ao máximo, impedir que acontecimentos similares fossem noticiados.

O acontecimento da morte de Herzog, porém, por ter envolvido fatores de hierarquização profissional e atores sociais de maior expressão, passou, ainda que a duras penas, por um processo de midiaticização, o que amplia o acontecimento. Nesse sentido, a morte de Vlado gerou uma semiose, uma intensa produção de significados, uma vez que foi, ao longo de todo o regime, uma das poucas capazes de jogar luz sobre outros acontecimentos semelhantes pelo fato de ter sido midiaticizado. O acontecimento da morte de Herzog parecia representar, portanto, uma ruptura, na qual o jornalista, produtor de notícias, passou a ser, ele mesmo, a própria notícia.

Em um emaranhado de narrativas ao longo de mais de 40 anos, vimos o caso Herzog (o acontecimento de sua morte nos porões da ditadura) se atualizar e se ramificar em novos casos, gerando novas disputas políticas, invadindo novas arenas públicas e trazendo à tona uma série de novos elementos e atores, muitos dos quais não tiveram qualquer participação no caso que podemos chamar de original. Quando essas atualizações narrativas da figura de

Herzog eram mais restritas – nas primeiras duas décadas após sua morte – aos veículos de imprensa tradicionais, isso passava por processos de organização e enquadramentos típicos do jornalismo. Processos esses que poderão ser encontrados em outras mídias e em ambiências digitais mais recentes, mas com lógicas diferentes e com outros tipos de códigos de seleção e contextualização.

E se hoje temos, por exemplo, os sites de redes sociais como espaços consideráveis de trabalhos de memória sobre Herzog, vale pensarmos como houve aí um processo de continuas transformações midiáticas. Anteriormente, a construção do personagem emblemático que se tornou Herzog, a partir do acontecimento de sua morte, seguiu os ritos da chamada imprensa tradicional, sobretudo pela lógica dos veículos impressos. Nos últimos anos, como veremos em alguns exemplos a seguir, as possibilidades de atualização narrativa de um caso ocorrido há mais de 40 anos se ampliaram a partir das muitas possibilidades midiáticas em circulação. Entendemos, assim, que o IVH marca sua “presença” – ainda que não materializada fisicamente – nos sites de redes sociais, e se aproveita dessas novas cartas para a manutenção do processo de constantes produções de memória sobre Herzog, ou seja, para também marcar a “presença” de alguém já morto.

### **Acontecimento e memória nas narrativas digitais**

Essa atualização narrativa sobre Herzog em espaços digitais não está, em nenhum momento, descolada das reflexões sobre os trabalhos de memória que propomos aqui. É nessa dinâmica que determinadas manifestações de interesse público (referentes aos direitos civis, à democracia, às políticas de reparação do Estado, entre outras) encabeçadas pelo IVH nos sites de redes sociais se inserem e, são, como diz Recuero, reconstruídas.

As características dos sites de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede. As conversações que acontecem no Twitter, no Orkut, no Facebook e em outras ferramentas com características semelhantes são muito mais públicas, mais permanentes e rastreáveis do que outras. Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída. (RECUERO, 2014, p. 17-18)



Nesse universo, a *hashtag* #vlado40anos nas redes Facebook, Instagram e Twitter tem esferas de sentidos diversas atreladas a ela. Ao criar não apenas a *hashtag*, mas um evento que a sustenta e que rememora e reverbera um acontecimento ocorrido há quatro décadas, podemos colocar a nova “celebração” na categoria de um ciberacontecimento nos moldes propostos por Henn (2015), unindo as noções de acontecimento e acontecimento jornalístico. “O ciberacontecimento, ao mesmo tempo em que introduz formas distintas de constituição, também inscreve-se em novas arquiteturas narrativas potencializadas pelas redes digitais.” (p. 218).

Ao digitarmos “#vlado40anos” nos campos de busca desses sites, encontramos muitas páginas de órgãos e instituições (como o próprio IVH) e perfis – de figuras públicas ou anônimas – que fizeram usos da *hashtag*. Em uma inicial avaliação, com ênfase nos primeiros resultados, é possível percebermos que o compartilhamento de “#vlado40anos” teve maior concentração nos meses de outubro e novembro de 2015, pela proximidade com o aniversário da morte de Herzog. Essa concentração foi ainda mais intensa nos dias próximos à realização do ato ecumênico na Catedral da Sé, em 25 de outubro de 2015. Os exemplos a seguir, retirados do Facebook, do Twitter e do Instagram, e postados nos meses mencionados, exemplificam e caracterizam as muitas possibilidades de reconstruções de memórias levantadas pelo uso da *hashtag*. Notamos, em muitas das postagens verificadas ao longo do primeiro ano de pesquisa, imagens e informações carregadas por fortes sentimentos de afeto e lembranças familiares (exemplos nas figuras 1 e 2, a seguir).

**Figura 1: Postagem do IVH no Instagram, em 4 de setembro de 2015, com informações sobre a vida familiar e a trajetória profissional de Herzog.**



Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/7NnPJFsoJY/?tagged=vlado40anos>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

A imagem acima é um dos registros do Instagram que integra uma “linha do tempo”, anunciada (e iniciada) pelo IVH em 29 de junho de 2015, nesse mesmo site. Ao divulgar uma série de fotos de arquivos pessoais de Vlado, o Instituto não apenas faz referências à morte do jornalista, mas também atualiza o personagem. Nessa retrospectiva das redes, por mais que todos saibam qual será o capítulo final da história (a morte de Vlado), as lembranças e narrativas sobre Herzog em sua privada também vão sendo reconstruídas.

**Figura 2: Postagem do IVH no Instagram, em 14 de setembro de 2015, com informações sobre a vida familiar de Herzog.**



**Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/7nTP98MoPo/?tagged=vlado40anos>>.**  
**Acesso em: 12 de agosto de 2016.**

Essas lembranças de Herzog em seu ambiente privado e familiar também estão presentes na figura 2. O Vladimir Herzog pai e marido, cujos filhos e viúva tiveram, ao longo dos anos, papel crucial para que o acontecimento de sua morte não fosse esquecido, é evocado constantemente nas páginas do IVH nos sites de redes sociais. No caso das fotos publicadas no Instagram, o IVH assimila as datas da vida privada de Herzog (período de estadia em Londres, nascimento dos filhos etc.), atualizando-a para novos públicos, construindo uma narrativa seriada sobre como foi a vida de Vlado. Parece ser a forma que sua família encontra para dizer que ele foi muito mais do que apenas o acontecimento de sua morte, algo que foi público e essencialmente político. Mas, antes, ele foi alguém especial em vida e isso também merece ser narrado.

**Figura 3: Postagem do IVH no Facebook, em outubro de 2015, solicitando aos usuários o compartilhamento de registros da homenagem a Herzog por meio da hashtag #vlado40anos**



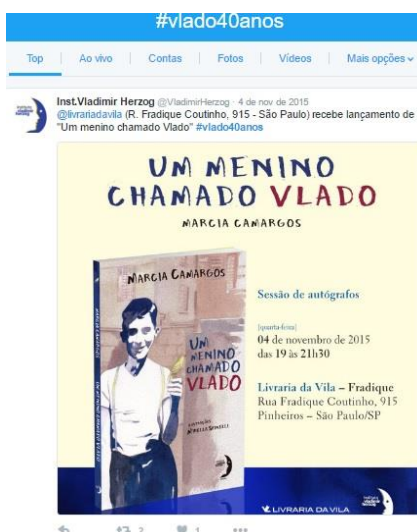
**Fonte: Facebook. Disponível em:**

<https://www.facebook.com/institutovladimirherzog/photos/a.288657247866210.65755.226894137375855/944217168976878/?type=3&theater>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

Na figura 3, acima, o IVH sugere e solicita aos atores a ele conectados no Facebook que compartilhem, utilizando a *hashtag* #vlado40anos, fotos e vídeos do ato em homenagem a Herzog na Praça da Sé. Esse exemplo sai das esferas privada e familiar demonstradas nas duas imagens anteriores, e demonstra uma vontade de alargamento do IVH em sua atuação midiática. Mais do que fazer apenas uma função de promotora e divulgadora do ato na Praça da Sé ou de aguardar passivamente as narrativas e registros da imprensa tradicional sobre a comemoração, o Instituto obedece a uma lógica de imediatismo e simultaneidade, e se incumbe da missão de, mais uma vez, articular passado, presente e futuro a partir de processos de convergência.

No webjornalismo ou ciberjornalismo, ou nas redes digitais, a descontinuidade acentua-se na narrativa hipertextual, em consequência da multilinearidade, da rapidez, da abertura e volatilidade, de que resulta uma eventual perda no sentido da leitura de um texto sequencial em que os acontecimentos são enquadrados e contextualizados. Nos *media* digitais, a informação é híbrida – escrita, áudio, vídeo –, com uma dimensão experimental e um código de leitura plural (paradigma pós-massivo). [...]. O fluxo acelerado das informações e comunicações liga-se a um presente contínuo, a uma temporalidade imediata, à efemeridade. (BABO-LANÇA, 2012, p. 61).

**Figura 4: Postagem do IVH no Twitter, em 4 de novembro de 2015, com divulgação de livro sobre Herzog**



Fonte: Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/VladimirHerzog/status/661887662807191553>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

A figura 4 postada pelo IVH no Twitter, em novembro de 2015, divulga lançamento de livro baseado na infância de Herzog. Por ser focado na vida privada de um Vlado ainda muito jovem, o Instituto demonstra novamente o interesse em manter e atualizar um personagem para muito além do trágico acontecimento de sua morte. "O intuito do livro é explicar a jovens e crianças o que foi a ditadura instalada em 1964, bem como os movimentos de oposição e resistência ao regime, tendo como fio condutor a história de Herzog", afirma o site do IVH, que destaca que o livro tem "formato e linguagem próprios para o público infanto-juvenil"<sup>6</sup>. Ao utilizar, portanto, narrativas que atualizam Vlado – seja nas redes sociais ou em um espaço tradicional como os livros –, o IVH parece se organizar também para uma constante atualização do público que acompanha ou acompanhará a trajetória de Herzog.

Os usos de "#vlado40anos" no Facebook, no Instagram e no Twitter podem ser, portanto, um exemplo de como a Internet transformou-se em uma espécie de depósito de dados que se caracterizam como memórias, sejam elas individuais e coletivas. Um projeto de memória, uma espécie de mnemoteca, na qual as lembranças da figura morta podem ser guardadas.

Os sites de redes sociais e, dentro deles, as *hashtags* contribuem na composição de um projeto de permanência, não apenas de Herzog, mas da memória de um tempo. Articula-se um projeto específico para dar significado a um escopo maior, em que o desenvolvimento de

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://vladimirherzog.org/portfolio-item/lancamento-do-livro-um-menino-chamado-vlado>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

novas tecnologias de comunicação e informação possibilitam um arquivo praticamente infinito de dados, imagens, sons.

[...] não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia, como veículos para todas as formas de memória. Portanto, não é mais possível, por exemplo, pensar no Holocausto ou em outro trauma histórico como uma questão ética e política séria, sem levar em conta os múltiplos modos em que ela está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, sites na Internet, livros de fotografia, histórias em quadrinho [...]. (HUYSEN, 2000, p. 21)

### **Considerações finais**

Percebemos, portanto, que as tecnologias da comunicação e a relação com a mídia se desenvolvem num jogo entre a memória e o esquecimento. Os sites de redes sociais (e, nos casos exemplificados aqui, a *hashtag* #vlado40anos) promovem gestos comemorativos que assumem uma função política, firmando-se, em certa medida, simbolicamente, como uma espécie de gênese do acontecimento, cuja época e contexto são permanentemente atualizados, na medida em que são acessadas pelos usuários.

Segundo Barbosa (2007, p. 54), as comemorações servem à “construção de uma dada temporalidade, na qual futuro, presente e passado se confundiam em torno da ideia de aceleração”. Para a autora, os usos de marcos comemorativos reatualizam o passado, sendo extremamente importantes na produção midiática hoje marcada, sobretudo, pela lógica do instante, da velocidade do fluxo presente. Nesse contexto, a comemoração é construída como acontecimento que estabelece uma lógica narrativa, na qual o passado é usado concomitantemente com o presente para moldar uma determinada realidade. A retórica midiaticizada, na junção do passado com o presente, estabelece uma articulação entre informação e espetáculo, materializando as narrativas comemorativas. Dai observamos também o ciberacontecimento, bastante ligado aos usos das *hashtags* e à efemeridade, marcado por uma propagação de narrativas típica de um acontecimento em rede, com desdobramentos complexos e diversos – dentro e fora das redes sociais.

É nessa perspectiva que as redes sociais digitais se tornam produtoras e guardiãs das comemorações de uma dada materialização da memória. Neste caso, o acontecimento (a morte de Vlado) e suas replicações (as “celebrações” e efemérides ligadas à morte do jornalista) produzem constante atualização narrativa de Herzog, assumindo uma função política e reafirmando, simbolicamente, a herança de uma história.

Com base em algumas coletas da *hashtag* #vlado40anos nas páginas do IVH em três sites, refletimos sobre como as redes sociais e seus indicadores e agregadores de assunto (*hashtags*) podem assumir a função de espaços de organização, reconstrução e reconstituição de lembranças. O fato de o IVH ter, desde 2009, vias institucionalizadas em relação aos trabalhos de memória sobre o jornalista garante um campo extenso para as negociações em torno das memórias oficiais, coletivas, familiares e individuais relacionadas a Herzog. Já a atuação do Instituto em suas páginas oficiais nessas redes dá pistas sobre trabalhos mais organizados de memória e atualização narrativa de Herzog, ainda que (aparentemente) sem periodicidade e planejamento sistematizados, mas com uma clara intenção de permanência de Vlado, de marcá-lo como figura midiática e política muito além dos domínios do tempo. Um contexto que nos permite perceber que as pessoas mortas vão sendo “recuperadas” por todos os complexos de memória que construímos.

Os 40 anos da morte de Herzog, se não são necessariamente algo a ser celebrado, puderam gerar, ainda assim, um ritual de comemorações que sacralizam o acontecimento de sua morte, constituindo um marco, uma fonte de reconstruções de memória. Nessa perspectiva, essas ambiências digitais se tornam não só produtoras, mas também renovadoras de memórias. Assim, as memórias clandestinas, subterrâneas e proibidas que dominaram, durante tantos anos, as narrativas do episódio emblemático acabam sendo, décadas depois, subvertidas pela atuação do IVH, que passa a construir outros tipos de trabalhos de memória sobre Vlado.

### **Bibliografia:**

BARBOSA, Marialva. Imprensa e golpe de 1964: entre o silêncio e lembranças de fatias do passado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan/jun 2014.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./ jul., 2016.

\_\_\_\_\_. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói, EDUFF, 2007.

BABO-LANÇA, Isabel. Acontecimento e memória. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 55-66.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo, Perspectiva, 1991.

DIAS, André Bonsanto. Herzog re(a)presentado: notas sobre memória, narrativa e 'acontecência'. In: 24º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS),



---

2015, Brasília-DF. **Anais do 24º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)**, 2015.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Paradigmas da comunicação: Conhecer o quê? In: 10º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 2001, Brasília-DF. **Anais do 10º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)**, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENN, Ronaldo. Seis categorias para o ciberacontecimento. IN: NAKAGAWA, Regiane.; SILVA, Alexandre (Orgs). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015, v. 2, p. 208-227.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio de Janeiro/Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** (vol. 27, nº 1-2004). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 97-104, 2004.

\_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991. Disponível em <[http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-25, 1989.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede: Comunicação Mediada pelo Computador**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.